

**GÊNERO E ETNICIDADE NO ROMANCE *ÚRSULA*, DE
MARIA FIRMINA DOS REIS**

Adriana Barbosa de OLIVEIRA ¹

RESUMEN: Mi interés en este trabajo es presentar mi proyecto de máster, cuyo principal objetivo es hacer una lectura de la novela *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que evidencie la denuncia, presente en la obra, de la condición de desigualdad a que las mujeres y los africanos y sus descendientes estaban sometidos, en Brasil, en el siglo XIX, debido a la actuación de un patriarcado opresor. Para ello, pretendo analizar la construcción de los personajes, principalmente los negros, las mujeres y Tancredo, a fin de explicitar el papel que ejercen en la narrativa y las relaciones entre género y etnia.

No Brasil, até meados do século XIX, graças à sujeição ao poder patriarcal a que estavam submetidos, mulheres e afro-descendentes foram alijados da vida cultural literária do país e, dificilmente, conseguiam acesso à educação formal. Mas, ainda assim, alguns deles, vencendo a tantos obstáculos, conseguiram produzir literatura desde o período colonial. Além disso, no decorrer do século, em função das importantes modificações que ocorreram no Brasil, tanto com relação à condição da mulher quanto à dos afro-descendentes, o número dos que se aventurava a dedicar-se às letras foi crescendo gradativamente.

No entanto, a literatura produzida por eles, na maioria das vezes não foi reconhecida e parte dessa produção foi desconsiderada por nossa historiografia literária; sendo assim, tais escritores ou foram esquecidos ao longo dos anos, ou nunca tiveram o reconhecimento merecido. No caso dos afro-descendentes, quando eram reconhecidos, ocorria o que se pode chamar de “branqueamento” do autor, pois a crítica simplesmente ignorava a descendência negra, e admitia seus escritos.

A mulata Maria Firmina dos Reis é um bom exemplo dentre essas vozes silenciadas. Nasceu em São Luis do Maranhão, em 11 de setembro de 1825 e morreu em Guimarães, interior do Maranhão, em 1917, aos noventa e dois anos, cega, pobre e solteira. Alcançou êxito em sua terra como professora, vencendo concurso público para uma Cadeira de Instrução Primária aos vinte e dois anos e fundando a primeira escola mista maranhense de que se tem notícia; como escritora, colaborando na imprensa local com ficções, poesias, crônicas, enigmas e charadas; e como musicista, tendo composto, inclusive, o *Hino à libertação dos escravos*.

Sua obra literária não é extensa. Em 1859, Maria Firmina dos Reis publicou *Úrsula*, que pode ser considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro e um dos primeiros de autoria feminina no Brasil. A novidade do romance é que ele apresenta

¹ Mestranda no Programa de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: adrianaoli@gmail.com

uma visão positiva do negro, que recebe um tratamento que não coadunava com os preconceitos raciais e os estereótipos veiculados em seu tempo. Além de *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis publicou também o romance “Gupeva” (1861), o livro de poesias *Cantos à beira-mar* (1871) e o conto “A escrava” (1887).

Segundo registra José Nascimento Moraes Filho, seu primeiro romance foi bem recepcionado pela imprensa local, motivando vários comentários elogiosos.

Sua entrada oficial na Literatura foi recepcionada pela Imprensa Maranhense, portavoz dos luminares da intelectualidade de nossa terra com palavras de entusiasmo e estímulo à estreada, que, rompendo a cadeia de preconceitos sociais que segregava a mulher da vida intelectual, vinha contribuir com suas forças, seus sonhos e ideais para a criação da Literatura Maranhense, para a presença Maranhense na formação da Literatura Brasileira – ainda em nossos dias o embrião de uma vida em laboriosa gestação (Moraes Filho, 1975: S/P).

Outros elogios se seguiram à publicação dos textos posteriores a *Úrsula* e sua autora alcançou um relativo sucesso em seu tempo, mas, durante muitos anos, sua obra literária foi esquecida, como, aliás, a de outras mulheres que também produziram literatura no século XIX. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2004), a autora foi desconsiderada durante mais de um século pela historiografia literária canônica, e apenas Sacramento Blake e Raimundo de Menezes a citaram. Porém, o pesquisador Horácio de Almeida publica, em 1975, uma edição fac-similar do romance, que havia encontrado em um sebo, com um prefácio escrito por ele. No mesmo ano, José Nascimento Moraes Filho publica *Maria Firmina, fragmentos de uma vida* e o crítico maranhense Josué Montello lhe dedica um artigo no *Jornal do Brasil*. Tais acontecimentos foram decisivos para despertar o interesse dos estudiosos pela escritora e sua obra.

As outras edições de *Úrsula* foram: em 1988 com prefácio de Charles Martin com o título “Uma rara visão de liberdade”; e em 2004, com posfácio de Eduardo de Assis Duarte intitulado “Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira”. Outros textos que fazem parte da recepção crítica de Maria Firmina são o artigo “Auto-retrato de uma pioneira abolicionista”, de Luiza Lobo, publicado em *Crítica sem juízo* em 1993, e o estudo de Zahidé Lupinacci Muzart que faz parte da antologia *Escritoras Brasileiras do século XIX*, publicada em 2000.

Sem dúvida, os textos citados são uma importante contribuição para o estudo da obra de Firmina, principalmente de *Úrsula*, mas o romance está a merecer ainda uma análise mais aprofundada que privilegie a questão da mulher e da etnicidade.

A opção por trabalhar com um texto de uma escritora não canônica nasceu do desejo de divulgar tal autora e seu trabalho, com vistas a contribuir para o atual processo de revisão da nossa historiografia literária; tal revisão visa à inclusão de escritores, principalmente pertencentes às chamadas minorias, que foram ignorados por nossos historiadores e críticos literários e por isso foram esquecidos.

Escolhemos analisar o romance a partir de uma perspectiva étnica e de gênero por acreditar que o principal mérito dele está nas denúncias que faz à situação da mulher e do negro na sociedade de seu tempo e, principalmente, na forma inovadora como

representa este, em uma época em que imperavam teorias racistas que afirmavam comprovar a inferioridade dos negros frente aos brancos.

Acreditamos que a descoberta e o estudo desse romance são uma contribuição significativa para os estudos literários por se tratar do primeiro romance maranhense, primeiro romance abolicionista e um dos primeiros romances de autoria feminina do Brasil. O que faz de nossa autora uma precursora em várias frentes da literatura.

Tendo em vista os aspectos apontados em *Úrsula*, pretendemos analisar, no romance, a construção dos personagens, principalmente, os negros, as mulheres e o jovem Tancredo, a fim de explicitar o papel que exercem na narrativa e as relações existentes entre gênero e etnia.

Na questão da mulher, interessa-nos investigar tanto o caráter excepcional da autora, uma mulher escrevendo romances em meados do século XIX, como as representações que ela fará, especificamente em *Úrsula*, das figuras femininas que são: Úrsula, Luisa B, Adelaide e a mãe de Tancredo, cujo nome não aparece não no texto.

Na questão da etnia, pretendemos destacar a representação do negro, e da escravidão, que existe no romance, e mostrar a novidade de sua perspectiva, uma vez que se tratava de uma escritora de descendência africana, falando do escravo e das questões raciais.

Um personagem nos parece especial. É Tancredo, o jovem branco e pertencente a uma família abastada, que se apaixona por Úrsula, e vai interferir nas duas questões: defendendo a mulher e o negro e os tratando de maneira diferenciada.

Interessa-nos, também, verificar que relação se pode estabelecer entre o romance e as concepções literárias de um crítico maranhense contemporâneo de Maria Firmina dos Reis, a saber: Francisco Sotero dos Reis. Além disso, pretendemos analisar em que medida o romance se diferencia da produção literária de seu tempo, especialmente dos romances *Iracema* e *O Guarani*, de José de Alencar, no que se refere à noção vigente, à época, de uma literatura comprometida com a construção da nação.

Metodologia

A dissertação tem como objeto de leitura o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que será analisado a partir de vários enfoques: personagens, gênero e etnia.

A primeira fase do trabalho consiste no levantamento de livros, ensaios, artigos e verbetes que tratam de Maria Firmina dos Reis, isto é, sua fortuna crítica. Entre os textos encontrados os mais importantes são: o estudo de Zahidé Lupinacci Muzart intitulado “Maria Firmina dos Reis”; o posfácio de Eduardo de Assis Duarte à quarta edição de *Úrsula*, “Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira”; e o artigo de Luiza Lobo, “Auto-retrato de uma pioneira abolicionista”.

A segunda fase consiste no estudo do contexto social, cultural e político em que a escritora viveu e produziu sua obra. Para isso usaremos, principalmente, os textos *Phanteon Maranhense*, de Antônio Henriques Leal, *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, de Francisco Sotero dos Reis, e *Retratos de mulher: O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX*, de Tania Quintaneiro.

Na terceira fase, faremos o estudo dos personagens do romance com destaque para os negros, as mulheres e Tancredo. Para tratar da questão de gênero, usaremos,

principalmente, os seguintes textos: “Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX”, de Constância Lima Duarte que analisa o “percurso tortuoso” trilhado pela mulher na luta pela conquista de seus direitos e “A literatura feminina no Brasil – das origens medievais ao século XX”, de Nelly Novaes Coelho, que faz um histórico sobre o papel da mulher na literatura, citando escritoras que se destacaram e como a mulher passou de tema a sujeito de enunciação.

Para refletirmos sobre a presença do negro na literatura brasileira usaremos, principalmente, os textos *Introdução à literatura negra*, de Zilá Bernd e “O discurso literário” de Heloisa Toller Gomes. Outros textos que se mostrarem relevantes para o trabalho serão acrescentados posteriormente.

***Úrsula*: uma denúncia ao patriarcado opressor**

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis assina com o pseudônimo “Uma Maranhense”, estratégia muito utilizada por mulheres naquela época, por várias razões, entre elas porque deviam ficar com mais liberdade para expressar suas idéias, sem se preocupar tanto com as opiniões da sociedade². No caso de nossa escritora, as novas idéias eram não somente sobre a condição feminina, mas também sobre a condição do negro.

Já no prólogo do romance a autora declara sua condição de “mulher, e mulher brasileira” cuja educação era diferenciada da oferecida aos homens da época, e pede desculpas por estar publicando um livro. Firmina estava consciente que a mulher não era bem recebida no meio literário e parece querer demonstrar claramente sua intenção de especificar de que lugar está falando e de assumir a diferença.

Quanto ao romance, trata-se de uma trágica história de amor entre dois jovens: a pura e simples Úrsula e o nobre bacharel Tancredo, e, aparentemente, é uma clássica história de amor impossível, como muitas de seu tempo. Porém, logo se nota, pelo tratamento dado aos personagens negros, às mulheres e à escravidão, que as preocupações presentes no romance são outras, pois, apesar de ter sido escrito num período de nacionalismo exacerbado, destoa da literatura produzida em sua época em muitos aspectos, já que não parece estar comprometido com o projeto romântico que, segundo Candido (1996), é fundar a idéia de nação, construindo através de suas narrativas um ser nacional.

Os escritores contemporâneos da autora estão empenhados nesse projeto e um exemplo disso é o romance *Iracema* de José de Alencar, cujo nome é anagrama de América. Porém, em *Úrsula*, o foco narrativo está comprometido não com o projeto de fundar esse ser nacional, mas com o ser mulher e o ser negro que estavam excluídos da comunidade nacional.

A narrativa se articula a partir de um triângulo amoroso formado por Adelaide, Tancredo e seu pai, esse triângulo é desfeito com a derrota de Tancredo. Cria-se, então,

² Esclareço que tal procedimento foi usado também por alguns homens da época, no entanto entre as mulheres ele era quase uma regra e tinha um sentido diferente, já que a mulher que se aventurasse a escrever, geralmente não era bem vista pela sociedade. Por isso muitas delas se ocultavam através de um pseudônimo.

um segundo triângulo formado por Tancredo, Úrsula e seu tio. Mas há, também, uma tríade, formada por três personagens negros, que vão aparecendo ao longo da narrativa, cuja importância vai tomando proporções cada vez maiores: Túlio, Mãe Susana e Antero que, juntamente com o jovem Tancredo, dão o tom diferente à narrativa. Um leitor desavisado poderia entender seus papéis como mero acessório para o drama dos demais personagens, porém, se lermos com o cuidado que o romance merece, vamos perceber que o drama dos escravos vai tomando proporções cada vez maiores, a ponto de prender a atenção do leitor.

Através da construção desses personagens negros e de suas memórias, o narrador vai trazer à tona a consciência de um passado comum, surgindo, então, por meio de seus relatos, cenas de uma África outra, carregada de um sentido positivo. Tal fato apresenta uma novidade, pois, conforme lembra Heloisa Toller Gomes, durante a época colonial e o oitocentismo, os escritores negros das Américas estavam impossibilitados de “realçarem positivamente a África ancestral [por viverem] em tempos tão eurocêntricos” (1994: 133). Além disso, surgem também por meio dessas vozes, cenas do aprisionamento e da travessia no navio negreiro

Na construção desses personagens nota-se uma valorização das características próprias dos afro-descendentes, rompendo-se, assim, com o estereótipo racial que sempre deu ao negro uma conotação negativa – o que podemos perceber na seguinte descrição de Túlio que é uma verdadeira exaltação à raça negra:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar 25 anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a escravidão não puderam resfriar, embalde – dissemos – se revoltava; porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco (Reis, 2004: 22).

A partir da representação da maioria das figuras femininas presentes em *Úrsula*, podemos encontrar, também, uma visão crítica daquela sociedade no que se refere ao lugar ocupado pelas mulheres e ao tratamento dispensado a elas. Destaco o papel de Luísa B..., a mãe da heroína, e da mãe de Tancredo, cujo nome não aparece no texto, pois ambas levam uma vida de muito sofrimento sob o jugo do patriarcado opressor: no caso da primeira, tal poder é representado pelo marido e, no caso da segunda, pelo marido e pelo irmão.

Esta opressão vai ser denunciada, principalmente, através da voz de Tancredo que vai declarar:

Não sei por quê, mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio e resignava-se com sublime brandura (Reis, 2004: 59; 60).

O papel de Tancredo na narrativa é de extrema importância, pois além de denunciar as desigualdades entre homens e mulheres ele também vai denunciar a

injustiça e a violência da escravidão, sendo o único homem branco capaz de compreender as dores dos oprimidos:

- Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o pobre cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldição em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante (Reis, 2004: 28).

O romance *Úrsula*, se constitui em uma denúncia à opressão a que a mulher brasileira estava submetida no Brasil Oitocentista, por pertencer a uma sociedade patriarcal na qual ela, na maioria das vezes, vivia completamente isolada, sem ter direito a participar do espaço público, sendo por isso alijada da vida cultural, política e social. Bem como, da violência da escravidão de negros provenientes da África e seus descendentes, cujos opressores eram os mesmos senhores que oprimiam as mulheres, aliando, assim, à denúncia do machismo a do racismo.

Referências Bibliográficas:

- BERND, Z. (s/d) *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense.
- CANDIDO, A. (1969) *Formação da Literatura Brasileira* (momentos decisivos). 3 ed. São Paulo: Martins, 2 vol.
- COELHO, N. N. (2000) “A literatura feminina no Brasil – das origens medievais ao século XIX”. In: DUARTE, C. L. et al. (Orgs.). *Gênero e Representação: teoria, história e crítica*. 89-107. Belo Horizonte: FALE-UFMG.
- DUARTE, C. L. (2000) “Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX”. In: DUARTE, C. L. et al. (Orgs.). *Gênero e Representação: teoria, história e crítica*. , 273-282. Belo Horizonte: FALE-UFMG.
- DUARTE, E. de A. (2004) “Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira”. In: *Úrsula, A escrava*. Atualização do texto e posfácio de E. de A. Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.
- GOMES, H. T. (1994) “O discurso literário”. In: *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. 131-188. Rio de Janeiro: EDUERJ – UFRJ.
- LEAL, A. H. (1987 [1873-5]) *Phanteon Maranhense*. 2 ed. São Luis: Alhambra.
- LOBO, L. (1993) “Auto-retrato de uma pioneira abolicionista”. In: *Crítica sem juízo*. 222-238. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- MORAES FILHO, J. N. (1975) *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: COCSN.
- MUZART, Z. L. (2000) “Maria Firmina dos Reis”. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- QUINTANEIRO, T. (1996) *Retratos de mulher: O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajadores do século XIX*. Petrópolis: Vozes.
- REIS, F. S. dos. *Curso de Literatura Portuguesa e brasileira*. São Luis: Tip. de B. de Mattos (Vols. I a IV) e Tip. Do País (Vol. V), 1866-1873.
- REIS, M. F. dos. (2004 [1859]) *Úrsula*. A escrava. Atualização do texto e posfácio de E. de A. Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.